



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 19 de dezembro de 2024

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quarta-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
3,15% São Paulo	124.612 13/12 16/12 17/12 18/12	R\$ 6,265 (+ 2,78%)	6,007 6,031 6,094 6,096	R\$ 6,501	12,15%	12,30%	Julho/2024 0,38 Agosto/2024 -0,02 Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53 Novembro/2024 0,39

CONJUNTURA

Dólar só conhece rota de subida e vai a R\$ 6,26

Além de desconfianças em relação ao governo e remessa de divisas ao exterior, Federal Reserve também ajudou na pressão de alta

» ROSANA HESSEL

Na berlinda

Enquanto a desconfiança do mercado com o pacote fiscal do governo aumenta e o cenário externo fica mais incerto, dólar ganha força frente ao real



Em novo dia tenso no mercado financeiro, o dólar disparou e bateu mais um recorde em meio ao aumento da desconfiança em relação ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mesmo com alguns avanços da reforma tributária e do pacote de corte de gastos, no apagar das luzes do Congresso. No câmbio comercial, a moeda norte-americana fechou o pregão cotada a R\$ 6,266 para a venda — alta de 2,78% em único dia. Assim, o real acumula queda de 30% desde janeiro e está entre as moedas que mais derreteram em 2024. Na Bolsa de Valores de São Paulo, as perdas em um único dia das ações listadas foi de R\$ 130,6 bilhões, em valor de mercado, conforme levantamento da Elos Ayta.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, minimizou a forte desvalorização do real e afirmou que o movimento é de especuladores. Para ele, o “ambiente de incerteza” no mercado força a alta da moeda norte-americana, que deverá se acomodar nas próximas semanas.

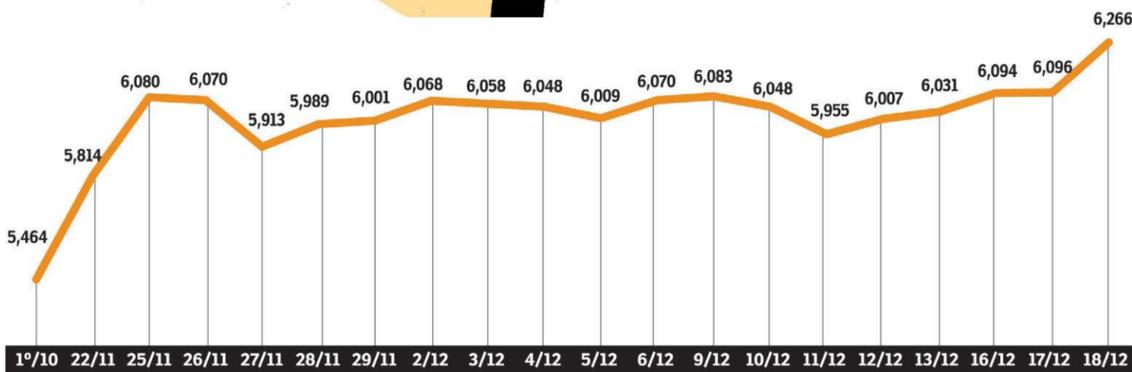
“Temos um câmbio flutuante, que, neste momento em que as coisas estão pendentes, reflete um clima de incerteza. Isso faz o câmbio flutuar”, justificou Haddad. Segundo o ministro, nas conversas com grandes instituições financeiras, as previsões sobre o cenário econômico para 2025 “são mais promissoras”.

“As avaliações dessas instituições são melhores do que as que os especuladores estão fazendo”, afirmou aos jornalistas. Ao ser questionado sobre como será a relação entre o governo e o Banco Central daqui para frente, com a troca de comando da autarquia — sai Roberto Campos Neto e entra Gabriel Galpólo —, Haddad afirmou que Lula “nunca interferiu” no BC.

Intervenção

A disparada do dólar fez a autoridade monetária anunciar, na noite de ontem, uma nova intervenção no câmbio hoje. Serão leiloados US\$ 3 bilhões no mercado à vista. Nesta semana, o BC injetou US\$ 4,7 bilhões em dois leilões nesta semana, e não conseguiu fazer o dólar ficar abaixo de R\$ 6, patamar que vem sendo considerado a nova realidade para a moeda desde o anúncio do pacote fiscal prevendo cerca de R\$ 70 bilhões em corte de gastos, em 27 de novembro. A iniciativa não foi bem aceita pelo mercado financeiro por ser considerada aquém do necessário para estabilizar o crescimento da dívida pública. As estimativas de impacto fiscal do pacote são menores, variando entre R\$ 40 bilhões e pouco mais de R\$ 50 bilhões.

Nem mesmo a intervenção do Tesouro, que atuou na recompra de títulos públicos, seguiu a disparada do dólar, em um momento em que muitas empresas estrangeiras enviam divisas para o exterior. Segundo analistas, a desconfiança do mercado financeiro no governo é crescente, pois os agentes econômicos estão precipitando que o ajuste



-3,15%
Variação do Ibovespa ontem, fechando a 120.772 pontos

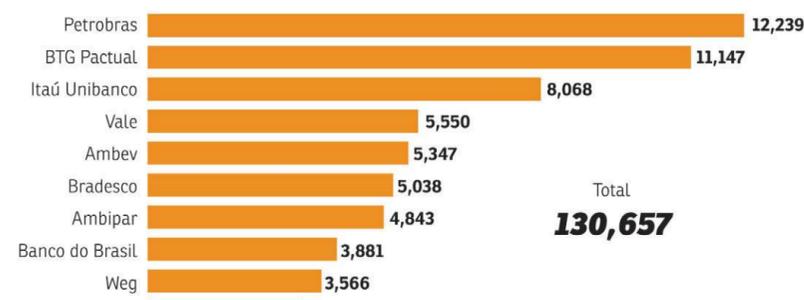
-10%
Variação acumulada do Ibovespa em 2024

-3,9%
Variação do Ibovespa em dezembro

PREJUÍZO

Em apenas um dia, ações listadas na B3 perderam R\$ 130 bilhões em valor de mercado, com Petrobras e BTG Pactual liderando o ranking de levantamento da Elos Ayta

Perda em valor de mercado entre 17 e 18 de novembro — Em R\$ bilhões



O pacote é insuficiente. Enquanto o governo tenta empurrar os cortes para 2025 e 2026, que é ano eleitoral, os operadores estão considerando que isso vai ocorrer apenas no próximo governo, seja ele qual for”

Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados



O BC optou por dar liquidez e tentar apagar o incêndio via mercado à vista. Se a raiz do problema não for atacada — o desequilíbrio fiscal —, a estratégia se provará inócua e acabaremos com menos reservas do que começamos”

Felipe Salto, economista-chefe da Warren Investimentos

fiscal não vai acontecer na segunda metade do terceiro mandato de Lula.

“O pacote é insuficiente. Enquanto o governo tenta empurrar os cortes para 2025 e 2026, que é ano eleitoral, os operadores estão considerando que isso vai ocorrer apenas no próximo governo, seja ele qual for”, destaca Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados.

Felipe Salto, economista-chefe da Warren Investimentos, demonstra preocupação com a eficácia das intervenções no câmbio. “O BC optou por dar liquidez e tentar apagar o incêndio via mercado à vista. Se a raiz do problema não for atacada — o desequilíbrio fiscal —, a estratégia se provará inócua e acabaremos com menos reservas do que começamos”, alerta.

Cenário externo

Mas os motivos da forte desvalorização do real não foram apenas domésticos. O cenário

externo também não ajudou muito, dia de decisão do Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano), que reduziu os juros básicos em 0,25 ponto percentual, para a faixa de 4,25% a 4,50% ao ano (leia ao lado).

Com a perspectiva de juros mais altos nos EUA, as bolsas caem e o dólar fica mais forte, não apenas frente ao real. “O câmbio também teve um componente relevante, que foi a decisão do Fed. Mercado interno e externo projetaram corretamente o corte de juros, mas erraram na expectativa para a inflação”, destaca Gustavo Cruz, estrategista da RB Investimentos.

A Bolsa de Valores de São Paulo desabou 3,15% para 120.772 pontos. “Com os juros mais altos lá fora, isso desvaloriza nosso câmbio, que provoca o Copom a subir ainda mais os juros por aqui, prejudicando a Bolsa”, explicou Cruz. (Colaborou Fernanda Strickland)

Redução de 0,25 nos EUA

O Federal Reserve (Fed, banco central dos Estados Unidos) decidiu, ontem, manter o ritmo de corte de juros em 0,25 ponto percentual, para o intervalo de 4,25% a 4,50% ao ano. A decisão não foi unânime e a autoridade monetária sinalizou que o ritmo de redução de juros deve ser menor em 2025, antecipando o fim do ciclo de afrouxamento monetário.

De acordo com analistas, as novas projeções do Fed apontam apenas mais dois cortes no ano que vem, levando a taxa básica para 3,75% a 4% ao ano, no fim de 2025 — o que faz com que o dólar siga valorizado frente ao real. No comunicado do Fed, os integrantes do comitê de política monetária da instituição (Fomc) informaram que a perspectiva econômica segue incerta e que o “comitê está atento aos riscos para ambos os lados de seu mandato duplo”.

“Indicadores recentes sugerem que a atividade econômica continuou a se expandir em um ritmo sólido. Desde o início do ano, as condições do mercado de trabalho têm melhorado em geral, e a taxa de desemprego aumentou, mas continua baixa. A inflação progrediu em direção ao objetivo de 2% do Comitê, mas continua um pouco elevada”, destaca a nota. Ainda segundo o anúncio, o Fomc segue “fortemente comprometido em apoiar o emprego máximo e retornar a inflação ao seu objetivo de 2%”.

Ao avaliar a postura apropriada da política monetária, o comitê informou que “estaria preparado para ajustar a postura da política monetária conforme apropriado se surgirem riscos que possam impedir a obtenção das metas do colegiado”. “As avaliações do Comitê levarão em conta uma ampla gama de informações, incluindo leituras sobre as condições do mercado de trabalho, pressões inflacionárias e expectativas de inflação, e desenvolvimentos financeiros e internacionais”, salienta a nota.

Decisão esperada

Na avaliação de Gustavo Cruz, estrategista-chefe da RB Investimentos, a decisão era esperada. “Não fazia sentido o cenário projetado pelo Fed em setembro, e eles elevaram as previsões de inflação no ano que vem, de 2% para 2,5%”, destacou. Ele estima que, em 2025, essas projeções devem incorporar alguma medida inflacionária do governo de Donald Trump, “limitando a possibilidade de corte de juros”.

Carla Argenta, da CM Capital, chamou a atenção para o fato de que não houve uma decisão unânime, uma vez que a manutenção dos juros no patamar de até 4,75% ao ano “é um dos fatores que motivaram a reação mais exacerbada por parte do mercado”. “As atualizações sugerem uma atuação bem mais parcimoniosa do Fed, quando se trata de política monetária nos dois próximos anos, especialmente se levada em consideração a atuação nos dois últimos”, salienta. (RH)